



O QUE FAZEM AMAZONENSES E PARAENSES COM PALAVRAS ESDRÚXULAS?

Ana Paula Tavares Magno (UFPA)¹
tavaresmagnoufpa@gmail.com

Marilucia Barros de Oliveira (UFPA)²
oliveira.marilucia@gmail.com

RESUMO: o presente artigo trata da realização variável de proparoxítonas no português brasileiro, mais especificamente do fenômeno de redução ocorrido nesses vocábulos. O trabalho segue a orientação da Geossociolinguística (RAZKY, 1998) e analisa um corpus que integra o banco de dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil. O estudo é um recorte de uma pesquisa maior, ainda em andamento, acerca do referido fenômeno nas capitais e não capitais da região Norte do Brasil. A amostra utilizada restringe-se aos dados recolhidos em dois estados da região, quais sejam: Amazonas e Pará, incluindo-se as capitais e não capitais, e é composta por 72 falantes estratificados em sexo (masculino; feminino), faixa etária (18-30; 50-65) e escolaridade (ensino fundamental; ensino superior). Ao todo, foram avaliados 839 dados. Apresentaremos os resultados referentes a três grupos de fatores externos. Os resultados revelam que a redução de proparoxítonas apresenta baixa produtividade nos falares estudados e que os fatores externos exercem influência sobre seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: Proparoxítonas. Geossociolinguística. Atlas Linguístico do Brasil.

ABSTRACT: this article deals with the variable realization of proparoxytones in brazilian portuguese, more specifically the phenomenon of reduction that occurred in these words. The work follows the orientation of Geosociolinguistics (RAZKY, 1998) and analyzes a corpus that integrates the database of the Linguistic Atlas of Brazil project. The study is a clipping of a larger research, still in progress, about the referred phenomenon in the capitals and non capitals of the Northern region of Brazil. The sample used is restricted to data collected in two states in the region, namely: Amazonas and Pará, including capitals and non capitals, and is composed of 72 speakers stratified by sex (male; female), age group (18 - 30; 50-65) and education (elementary education; higher education). In all, 839 data were evaluated. We will present the results for three groups of factors external. The results reveal that the reduction of proparoxytons has low productivity in the studied speeches and that the external factors influence its use.

KEYWORDS: Proparoxytones. Geosociolinguistics. Linguistic Atlas of Brazil.

1 Introdução

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: tavaresmagnoufpa@gmail.com.

² Doutora em Linguística. Professora da Faculdade de Letras (FALE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: oliveira.marilucia@gmail.com.



No português brasileiro, os vocábulos proparoxítonos apresentam uma realização

variável que tem sido alvo de estudos dialetológicos e sociolinguísticos nos últimos anos. Dentre as suas variantes está o processo de redução das formas esdrúxulas, cujo fenômeno inclui desdobramentos que merecem exame nas várias regiões do Brasil.

Neste artigo, trataremos sobre a redução das proparoxítonas a partir dos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mais especificamente nos pontos de inquérito que constituem os estados do Amazonas e do Pará. Sob uma perspectiva Geossociolinguística (RAZKY, 1998), utilizamos o protocolo da Sociolinguística para análise dos dados e o método da Geografia Linguística para o mapeamento dos resultados obtidos, com o objetivo de descrever, interpretar e mapear os limites e alcances dessa variação, podendo, assim, traçar seus contornos diatópicos e diastráticos preliminares.

Para introduzir o tema, apresentaremos resultados de três estudos recentes que analisaram o comportamento variável das proparoxítonas, a fim de demonstrar um breve panorama dessa variação e relacioná-la com a atuação de fatores internos e externos considerados nesses trabalhos. Isso permitirá, após a apresentação e discussão dos resultados, que apontemos se os condicionadores analisados neste estudo coincidem com os condicionadores analisados em outras investigações de mesma natureza.

A escolha dos trabalhos a serem expostos tem relação com o fato de dois deles referirem-se a dados da região Norte e também usarem dados do ALiB. O terceiro apresenta resultados relativos ao Nordeste; sua escolha deve-se ao fato de os estados a serem analisados acolherem certa migração nordestina, podendo apresentar resultados mais próximos ao do Nordeste, tal como ocorre em relação à palatalização de /l/ e variação de médias pretônicas (cf. Oliveira, 2014; Oliveira, 2017).

No âmbito do ALiB, Oliveira, Magno e Coimbra (2019) realizaram estudo acerca do comportamento variável das proparoxítonas nas capitais da região Norte e buscaram observar quais grupos de fatores externos exercem influência na variação



desses vocábulos. Foram considerados quarenta e oito informantes, oito por ponto de inquérito, estratificados equitativamente em sexo (masculino; feminino), faixa etária (18-30; 50-65) e escolaridade (fundamental; superior). Os autores analisaram vinte e sete itens lexicais retirados dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do projeto ALiB.

Os resultados apontaram a variação das proparoxítonas como pouco produtiva nas localidades investigadas, apesar de os grupos de fatores externos exercerem influência sobre o uso das formas reduzidas. A incidência de manutenção da vogal postônica não-final correspondeu a 93,6% dos casos (incluindo-se aí 19,4% de alteamento), ao passo que a síncope vocálica equivaleu a 5,4%. As mulheres, os mais jovens e os mais escolarizados inibiram significativamente o uso das formas reduzidas. O cruzamento de dados mostrou que as mulheres mais jovens e com mais escolaridade usaram quase categoricamente a forma proparoxítona.

Em estudo posterior, Oliveira e Magno (2019) desenvolveram análise semelhante, também a partir dos dados do ALiB, porém limitaram-se aos estados do Acre e do Amapá, incluindo-se as capitais e não capitais. A metodologia contemplou vinte e quatro informantes e levou em consideração cinco grupos de fatores, a saber: qualidade da vogal postônica não-final, contexto fonológico anterior, escolaridade, município e estado. Igualmente ao primeiro trabalho mencionado, o corpus foi constituído por vinte e sete vocábulos dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do projeto ALiB.

A incidência de manutenção das formas proparoxítonas correspondeu a 80% do total de dados, em detrimento das formas reduzidas, as quais obtiveram o equivalente a 20%. Quanto aos fatores linguísticos, ainda que a qualidade da vogal postônica não-final e o contexto fonológico tenham sido avaliados, foi a estrutura silábica que teve efeito sobre o fenômeno, apesar de não ter sido controlada diretamente como uma variável. Os falantes mais escolarizados e provenientes dos espaços urbanos foram os que mais inibiram as formas reduzidas.

Em estudo realizado a partir do Atlas Linguístico Quilombola de Moxotó-Ipanema-PE (ALQUIMPE), Oliveira e Sá (2018) analisaram o comportamento de vocábulos esdrúxulos em cinco comunidades pertencentes a municípios do Sertão de Moxotó e do Vale do Ipanema, ambos situados na região Nordeste. Em cada localidade foram entrevistados cinco falantes, distribuídos igualmente em sexo (masculino; feminino) e faixa etária (18-40; 50-70), todos com escolaridade até o ensino fundamental. Foram utilizados seis itens lexicais retirados dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do ALiB, com ênfase na redução de apenas dois: *abóbora* e *fósforo*.

Os resultados evidenciaram que o fenômeno de redução foi mais frequente que a forma considerada culta, equivalendo a 60% do total de realizações. A respeito dos dois itens lexicais analisados, houve uma distribuição bastante diversificada para o item *abóbora*, o qual apresentou seis variantes de redução silábica, ao passo que *fósforo* apresentou apenas duas. Em relação aos fatores externos avaliados, os autores acreditam que a baixa escolaridade pode ter exercido influência sobre os resultados alcançados, bem como o espaço físico onde a pesquisa foi realizada. O sexo e a faixa etária não apresentaram influência significativa.³

Quando comparamos os resultados das regiões Norte e Nordeste, a diferença fica evidente, já que os estudos de Oliveira, Magno e Coimbra (2019) e Oliveira e Magno (2019) apontam que a redução das proparoxítonas é amplamente rejeitada no falar nortista, ao contrário do que mostra o estudo de Oliveira e Sá (2018). Entretanto, pelo menos duas observações são necessárias para entendermos melhor essas diferenças. Os resultados de Oliveira e Sá (2018) referem-se a dados de comunidades quilombolas. Se considerarmos que, como Luckesi (2009), nessas comunidades, a Língua Portuguesa passa por erosões mais profícuas do que em espaços urbanos e rurais, poderemos compreender melhor as diferenças entre esses resultados.

É preciso lembrar também que os contextos avaliados por esses autores, *abóbora* e *fósforo*, são, como veremos adiante, altamente propícios à redução desse tipo de

³ Esses resultados foram comparados aos do Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE), o qual apresenta um índice de 40% de redução das formas proparoxítonas.

vocábulo. Em todo caso, é preciso dizer que o Atlas Linguístico de Pernambuco (cf. Sá, 2016) também apresenta alta frequência de redução das proparoxítonas quando comparado ao Norte; o equivalente a 40%, o que evidencia a força da redução no Nordeste.

Com relação aos resultados do Norte, referidos em Oliveira, Magno e Coimbra (2019), 5,5%, e Oliveira e Magno (2019), 20%, a diferença de resultado pode ser atribuída ao fato de em um estudo ter-se considerado só capitais e noutro capitais e não capitais. A partir do presente estudo, poderemos fazer comparações mais consistentes, já que, tal como feito em Oliveira e Magno (2019), abordamos capitais e não capitais.

2 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentaremos informações sobre: a seleção dos pontos de inquérito, o perfil dos informantes e a descrição dos questionários. Além disso, apresentaremos dados sobre os materiais e métodos utilizados na presente investigação, bem como os programas computacionais usados e o protocolo de tratamento dos dados e resultados emitidos pelo GoldVarbX.

2.1 Pontos de inquérito

Os pontos de inquérito considerados neste estudo seguem as orientações metodológicas do projeto ALiB. Assim, foram selecionados quinze pontos que integram a rede do Atlas Linguístico do Brasil - Eixo Regional Norte (ALiB-Norte), considerando-se todas as localidades que compõem os estados do Amazonas e do Pará, incluindo-se as capitais e as não capitais, como mostra o *Quadro 01*.

Quadro 01: Pontos de inquérito.

ESTADO	CAPITAIS	NÃO CAPITAIS
<i>Amazonas</i>	Manaus	Tefé Humaitá Benjamin Constant



São Gabriel da Cachoeira

Pará

Belém

Soure
Óbidos
Marabá
Itaituba
Altamira
Almeirim
Bragança
Jacareacanga
Conceição do Araguaia

Fonte: Produzido pelas autoras.

Diferentemente do que tem sido feito tradicionalmente em trabalhos de natureza dialetal, na metodologia do ALiB não se consideram prioritários critérios como antiguidade e grau de isolamento em relação aos centros mais desenvolvidos da região.⁴

2.2 Perfil dos informantes

O perfil dos informantes inclui o controle de variáveis sociais, como *escolaridade*, *faixa etária* e *sexo*. O número total atinge setenta e dois, estratificados equitativamente em duas faixas etárias e contemplando os dois sexos.

Quadro 02: Perfil dos informantes.

INFORMANTE	FAIXA ETÁRIA	SEXO	ESCOLARIDADE
1	18 a 30 anos	Masculino	Ensino Fundamental
2	18 a 30 anos	Feminino	
3	50 a 65 anos	Masculino	
4	50 a 65 anos	Feminino	
5	18 a 30 anos	Masculino	Ensino Superior
6	18 a 30 anos	Feminino	
7	50 a 65 anos	Masculino	
8	50 a 65 anos	Feminino	

Fonte: Produzido pelas autoras.

⁴ A rede de pontos do ALiB-Norte conta com um total de 24 localidades selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área.

As capitais contemplam oito informantes, ao passo que as não capitais contemplam quatro. Apenas nas capitais a amostra leva em consideração a escolaridade: ensino fundamental e ensino superior.

2.3 Os questionários

Utilizamos os dados sonoros do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB, dos quais consideramos, respectivamente, 12 e 15 questões.

Quadro 03: Lista de itens analisados.

QFF		QSL	
Nº DA QUESTÃO	ITEM	Nº DA QUESTÃO	ITEM
010	Lâmpada	001	Córrego
011	Elétrico	008	Relâmpago
015	Fósforo	019	Úmida
017	Pólvora	026	Crepúsculo
032	Abóbora	080	Úbere
039	Árvore	085	Libélula
060	Sábado	089	Pálpebras
066	Número	103	Clavícula
118	Fígado	113	Útero
127	Vômito	117	Rótula
133	Único	120	Cócegas
157	Hóspede	144	Bêbado
—	—	194	Semáforo
—	—	198	Rótula
—	—	200/201	Ônibus

Fonte: Produzido pelas autoras.

Dos itens lexicais que constituem o QFF e o QSL, selecionamos todos os vocábulos proparoxítonos dispostos em ambos os questionários, a exceção de *míope*,⁵ por apresentar uma estrutura interna que requer análise mais aprofundada.

2.4 Escuta, recorte e transcrição fonética

Inicialmente, recortamos os dados sonoros em faixas de áudio por meio do programa computacional Cool Edit Pro 2.1 e, posteriormente, realizamos a transcrição fonética a partir dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional.⁶

2.5 Codificação, quantificação e tabulação

Após a finalização das transcrições fonéticas, codificamos os dados de acordo com as variáveis controladas. Cada variável constituiu um grupo de fatores, e para cada fator foi atribuído um código. A seguir, estão elencados os componentes de cada grupo.

Quadro 04: Componentes de cada grupo de fatores.

GRUPOS DE FATORES	COMPONENTES
Escolaridade	Ensino Fundamental e Ensino Superior
Município	Manaus, Benjamim Constant, Humaitá, São Gabriel da Cachoeira, Tefé, Belém, Altamira, Almeirim, Bragança, Conceição do Araguaia, Itaituba, Jacareacanga, Marabá, Óbidos e Soure
Estado	Amazonas e Pará

Fonte: Produzido pelas autoras.

O Arquivo de Codificação foi quantificado estatisticamente no programa computacional de regra variável GoldVarbX, o qual emitiu, considerando cada grupo de fatores estabelecido, a frequência percentual e o peso relativo das variantes

⁵Item de número 93 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB.

⁶ O Alfabeto Fonético Internacional é um sistema de notação fonética baseado no alfabeto latino, criado pela Associação Fonética Internacional como uma forma de representação padronizada dos sons das línguas naturais faladas no mundo.



identificadas. Após a leitura dos resultados, esses foram organizados em tabelas estruturadas, a partir das quais foi possível elaborar gráficos e outras formas de representação dos resultados.

2.6 Produção de cartas linguísticas

Por fim, produzimos cartas linguísticas diatópicas com o auxílio do programa computacional Corel Draw, a fim de se demonstrar os limites e alcances da variação das proparoxítonas nos pontos de inquérito investigados.

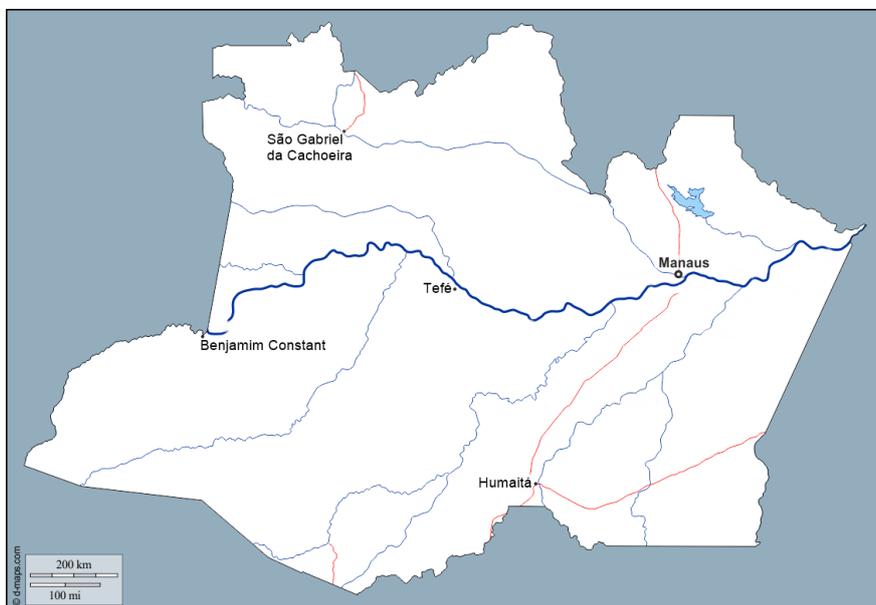
3 Municípios investigados

Nesta seção, apresentaremos informações a respeito dos pontos de inquérito analisados, como aspectos históricos, geográficos, populacionais e econômicos, bem como as políticas de desenvolvimento em vigor nessas áreas.

3.1 O estado do Amazonas

O Amazonas é o maior estado do Brasil em extensão territorial e foi elevado à categoria de província em 1850, após ser desmembrado dos estados do Maranhão e do Pará. Até meados do século XIX, a região foi disputada pela Espanha e Portugal, o que acarretou na assinatura de dois tratados: o de Tordesilhas, que garantiu a posse do território à Espanha, e o de Madri, que repassou o domínio para Portugal.

Figura 01: Localização dos pontos de inquérito no mapa do Amazonas.



Fonte: D-maps.com, 2020. Adaptado pelas autoras.

A área de sua unidade territorial equivale a 1.559.168,117 km² e faz limite com Roraima e Venezuela a norte, Pará a leste, Colômbia a noroeste, Mato Grosso a sudeste, Peru e Acre a sudoeste e Rondônia ao sul, com uma população de 4.144.597 habitantes.

Quadro 05: Aspectos históricos, geográficos e populacionais dos pontos de inquérito do Amazonas.

LOCALIDADE	FUNDAÇÃO	TERRITÓRIO	POPULAÇÃO
<i>São G. da Cachoeira</i>	1668	109.181,240 km ²	45.564
<i>Manaus</i>	1669	11.401,092 km²	2.182.763
<i>Tefé</i>	1759	23.692,223 km ²	59.849
<i>Humaitá</i>	1869	33.111,143 km ²	55.080
<i>Benjamin Constant</i>	1898	8.695,392 km ²	42.984

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020.

Um quarto dos índios do Brasil vive no Amazonas e seu povoamento tem forte influência indígena e nordestina. A economia do estado é baseada no extrativismo

vegetal, na mineração e na indústria. A Zona Franca de Manaus, criada em 1967, atraiu imigrantes de outras regiões do país, os quais migraram para a região em busca de melhores empregos nas grandes indústrias.

3.2 O estado do Pará

O Pará está situado no centro da região Norte e tornou-se estado independente em 1850, período após o fim da integração com o Maranhão e o Amazonas. Ao longo do século XIX, a região passou por momentos de insurgência contra Portugal, sendo a Cabanagem o mais conhecido,⁷ movimento que decretou a independência da província e instaurou um novo governo na capital.

Figura 02: Localização dos pontos de inquérito no mapa do Pará.



Fonte: D-maps.com, 2020. Adaptado pelas autoras.

Com uma área de 1.245.759,305 km², é o segundo maior estado em extensão territorial e o mais povoado da região Norte, com 7.581.051 habitantes. Limita-se com o Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Roraima, Tocantins, Suriname e Guiana.

⁷ Para mais informações sobre o movimento da Cabanagem, vide o capítulo VI de Monteiro (2005).

Quadro 06: Aspectos históricos, geográficos e populacionais dos pontos de inquérito do Pará.

LOCALIDADE	FUNDAÇÃO	TERRITÓRIO	POPULAÇÃO
<i>Bragança</i>	1613	2.098,144 km ²	127.686
<i>Belém</i>	1616	1.059,458 km²	1.492.745
<i>Óbidos</i>	1697	28.825 km ²	52.137
<i>Soure</i>	1847	2.857,349 km ²	25.374
<i>Itaituba</i>	1856	62.042,472 km ²	101.247
<i>Conceição do Araguaia</i>	1897	5.829,482 km ²	47.864
<i>Altamira</i>	1911	159.533,328 km ²	114.594
<i>Marabá</i>	1913	15.128,058 km ²	279.349
<i>Almeirim</i>	1930	72.954,798 km ²	34.109
<i>Jacareacanga</i>	1991	53.304,564 km ²	14.103

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020.

O estado tem uma economia baseada no extrativismo mineral e vegetal, além da agricultura, pecuária, indústria e turismo. Durante o período colonial, a economia do Pará atraiu imigrantes maranhenses, portugueses, franceses, holandeses, ingleses, japoneses e libaneses, os quais ocuparam diferentes espaços e territórios. O Ciclo da Borracha também gerou um amplo fluxo migratório para a região.⁸ A ancestralidade dos paraenses passou a ser de contribuição indígena, africana e europeia.

4 Apresentação dos resultados

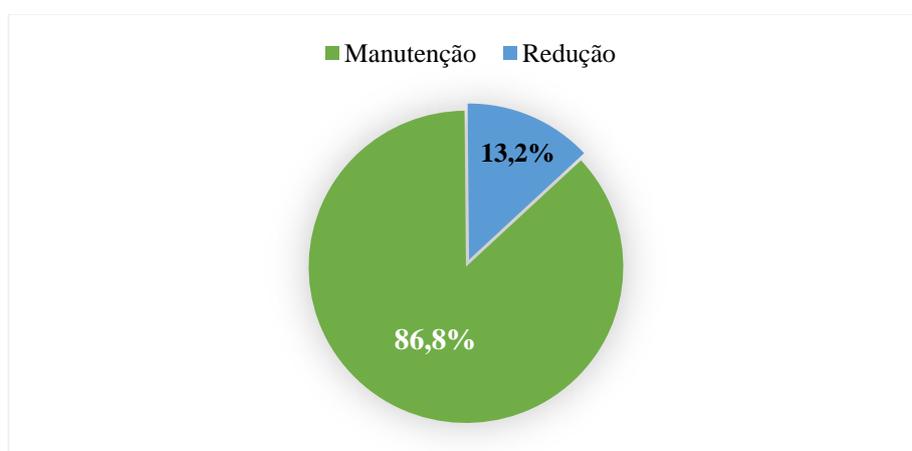
Nesta seção, apresentaremos os resultados fornecidos pelo GoldVarbX, os quais serão discutidos à luz da geossociolinguística e dos índices estatísticos obtidos. Apresentaremos os resultados referentes a três grupo de fatores, sendo dois diatópicos, estados e municípios; e um diastrático, escolaridade.

⁸ Para mais informações sobre o Ciclo da Borracha, vide o capítulo III da segunda unidade e o capítulo II da terceira unidade de Monteiro (1997).

4.1 Incidência geral da variação

Ao todo, foram quantificados 839 dados. Desse número total, 111 corresponderam aos casos de redução e 728 aos casos de manutenção das formas proparoxítonas, o que equivaleu a 13,2% e 86,8%, respectivamente.

Gráfico 01: Frequência geral de manutenção e redução das formas proparoxítonas.



Fonte: Produzido pelas autoras.

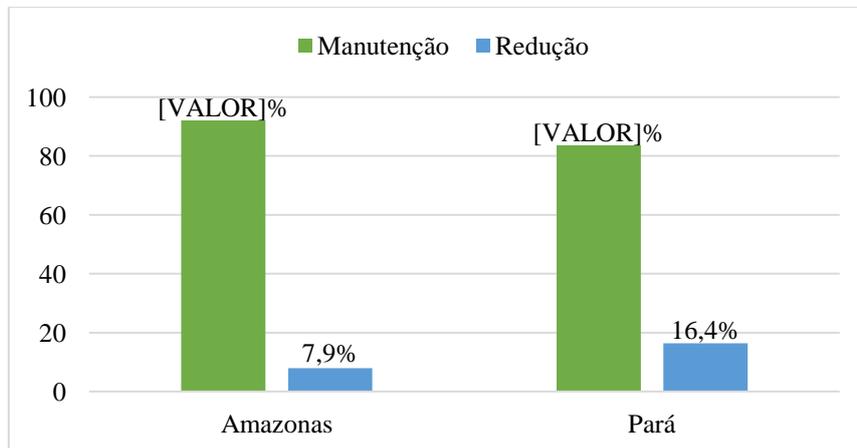
Dos 72 falantes investigados, 16 integram o grupo que reside na capital e possui ensino superior completo, o que pode ter inibido o uso das formas reduzidas, tendo em vista que a escola atua como controladora dessa regra variável. Detalharemos isso mais adiante.

4.2 Estado

O grupo de fatores *estado* foi o único a ser selecionado pelo programa estatístico, sendo a variável que atuou de forma mais significativa sobre a aplicação da regra. Tanto o Amazonas quanto o Pará não apresentaram altos índices de redução das

estruturas proparoxítonas, em comparação a outros estudos, como o de Oliveira e Sá (2018), por exemplo, no entanto há diferenças que merecem ser ressaltadas.⁹

Gráfico 02: Frequência de manutenção e redução das proparoxítonas nos estados pesquisados.



Fonte: Produzido pelas autoras.

Como mostra o *Gráfico 03*, o estado do Pará apresentou a maior incidência de uso das formas reduzidas, além de ter sido o único que favoreceu a aplicação da regra, com um peso relativo igual a .577. O estado do Amazonas, por sua vez, apresentou uma frequência percentual inferior e desfavoreceu a variação, com um peso relativo equivalente a .374.

Embora o Pará tenha favorecido a regra, é válido destacar que seu peso relativo é próximo do ponto neutro (.500), o que indica que a probabilidade de o fenômeno se realizar nas localidades que integram o estado é mediana, uma vez que o nível de favorecimento pode ser considerado tímido. De toda forma, como vimos na subseção 3.1, há forte migração nordestina no Amazonas, o que pode ter contribuído para esses resultados.

⁹ Não há, exatamente, um percentual médio de frequência que ateste se o uso de uma variante é alto ou baixo, visto que essa usualidade pode ser entendida como elevada ou não elevada a depender da análise a ser realizada pelo pesquisador. Ao contrário, no caso do peso relativo, há um ponto neutro que determina as chances de o fenômeno ocorrer, qual seja: .500, em que abaixo dessa margem tem-se o desfavorecimento e, acima, o favorecimento da probabilidade de ocorrência do fenômeno.

4.3 Município

Diferentemente do grupo de fatores *estado*, o grupo de fatores *município* não foi selecionado pelo programa de regra variável, mas sim eliminado, e seus resultados podem ser vistos a partir da *Tabela 01* a seguir.

Tabela 01: Municípios.

LOCALIDADE	APLICAÇÃO/TOTAL	%	P.R.
<i>Altamira (PA)</i>	11/48	22.9	.673/.684
<i>Bragança (PA)</i>	9/47	19.1	.621/.633
<i>Conceição do Araguaia (PA)</i>	10/51	19.6	.628/.640
<i>Almeirim (PA)</i>	8/44	18.2	.606/.618
<i>Marabá (PA)</i>	8/44	18.2	.606/.618
<i>Óbidos (PA)</i>	9/51	17.6	.597/.610
<i>Itaituba (PA)</i>	7/46	15.2	.554/.567
<i>Soure (PA)</i>	7/46	15.2	.554/.567
<i>Belém (PA)</i>	19/99	13.1	.510/.529
<i>Jacareacanga (PA)</i>	4/77	8.5	.391/.404
<i>Humaitá (AM)</i>	6/53	11.3	.480/.504
<i>Manaus (AM)</i>	11/119	9.2	.426 / .449
<i>Tefé (AM)</i>	4/58	6.9	.349/.371
<i>Benjamin Constant (AM)</i>	3/46	6.5	.335/.357
<i>S. Gabriel da Cachoeira (AM)</i>	1/40	2.5	.157/.170

Fonte: Produzido pelas autoras.

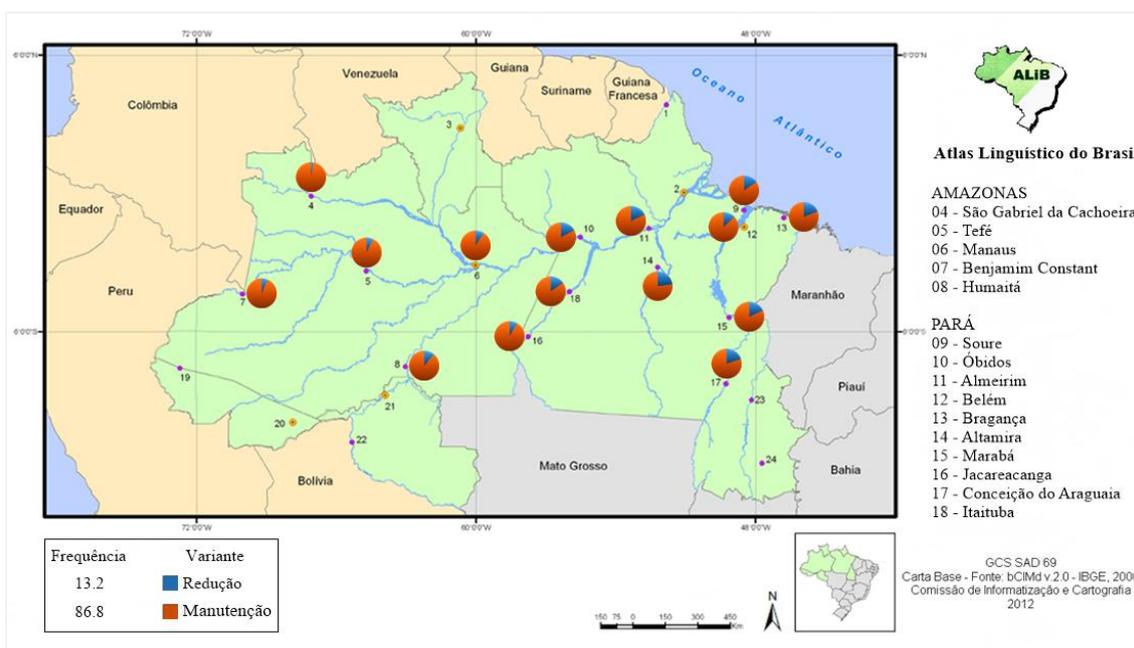
Como mostram os resultados, ainda que os índices de frequência não tenham sido tão expressivos nos pontos de inquérito analisados, podemos observar algumas particularidades nos limites e alcances dessa variação.

Em relação ao estado do Pará, à exceção de Jacareacanga, todas as localidades favoreceram a realização do fenômeno, sendo Altamira o município onde há a maior probabilidade de aplicação da regra. Cabe observar que os municípios onde há mais altos índices de redução são também aqueles que têm forte presença nordestina, como, por exemplo, Altamira, Almeirim, no sul do Pará, Marabá, no sudeste, e Bragança, no

nordeste paraense. De outra parte, esses resultados evidenciam a diferença de uso da regra entre capitais e não capitais no Pará. A capital, de onde foram entrevistados falantes com curso superior, apresenta peso relativo próximo ao neutro, o que evidencia a força da escolaridade sobre o fenômeno.

No estado do Amazonas, podemos falar em desfavorecimento da redução das estruturas proparoxítonas, ainda que Humaitá tenha alcançado pesos relativos que variaram entre .480 e .504. Curiosamente, é Manaus, depois de Humaitá, que mais tem probabilidade de uso da regra, diferentemente do que ocorreu no Pará, onde Belém apresentou índices probabilísticos mais baixos do que a maioria dos demais pontos. Por fim, cabe observar os resultados extremamente baixos para São Gabriel da Cachoeira, município que acolhe diversas comunidades indígenas cuja população corresponde a 90% dos habitantes. No município são falados, oficialmente, o Nheengatu, Tucano e Baniua, além do Português. Mas há 25 línguas que lá são faladas, sendo a mais usada o Tucano. A configuração histórico-social desse município deve ter contribuído para a inibição da forma reduzida de proparoxítonas, já que devem aprender a variedade culta do português, veiculada pela escola, e a presença nordestina deve ser limitada.

Figura 03: Carta da manutenção e redução das proparoxítonas nos municípios pesquisados.



Fonte: Carta Base do Atlas Linguístico do Brasil – Eixo Regional Norte, 2012. Adaptado pelas autoras.

Com base na carta linguística, podemos visualizar que Jacareacanga, único município que não favoreceu a regra no Pará, está situado em uma região fronteira com o Amazonas, estado que desfavoreceu o fenômeno em todos os seus pontos de inquérito. Ainda que Óbidos e Itaituba também façam limite com o Amazonas, essas localidades foram favoráveis ao uso da variante reduzida, o que nos leva a pensar que os dados migratórios possam ajudar a explicar esses resultados pelo menos para Itaituba. Oliveira (2007), ao estudar a palatalização no falar de Itaituba, relata como a presença nordestina é forte no município por conta das atividades garimpeiras que para lá atraíram muitos nordestinos, especialmente maranhenses e cearenses.

O município de Humaitá também apresenta particularidades, visto que obteve a mais alta frequência no Amazonas e foi o único que chegou a receber índices que se localizam acima de .500. Cabe ressaltar, entretanto, que os dois pesos obtidos por Humaitá, quando submetidos à média, não chegam a .500, o que o torna desfavorecedor da regra.

4.4 Escolaridade

O grupo de fatores escolaridade foi eliminado pelo GoldVarbX, não sendo uma variável tão relevante para a regra. Os índices de frequência e peso relativo indicam que a redução das proparoxítonas é uma variante estigmatizada nas localidades pesquisadas.

Tabela 02: Escolaridade.

VOGAL	APLICAÇÃO/TOTAL	%	P.R.
Ensino Fundamental	16/99	16.2	.566/.614
Ensino Superior	8/119	6.7	.328/374

Fonte: Produzido pelas autoras.

O uso das formas reduzidas foi mais recorrente na fala dos menos escolarizados, os quais favoreceram a aplicação da regra. Os falantes com ensino superior, por sua vez, inibiram a redução das estruturas proparoxítonas, desfavorecendo o processo variável.

Esses resultados corroboram os resultados obtidos por Oliveira, Magno e Coimbra (2019) no estudo com base nas capitais da região Norte, bem como vão ao encontro dos resultados obtidos por Oliveira e Magno (2019) no trabalho realizado a partir dos dados do Acre e do Amapá. Também há semelhança com os resultados obtidos por Oliveira e Sá (2018), visto que os autores acreditam que a baixa escolaridade tenha influenciado nos altos índices de redução das formas esdrúxulas, ainda que não tenham controlado diretamente essa variável.

Cabe completar, no entanto, que a escolaridade parece ter graus diferenciados de efeito sobre as duas capitais do Norte. Em Belém, apesar de a regra ter sido favorecida, alcançou um dos mais baixos índices do estado do Pará, como esperávamos, já que nossa hipótese era de que a escolaridade inibiria a redução na capital. Já em Manaus, a variante reduzida apresentou os mais altos índices para o Amazonas, com exceção de Humaitá, embora eles estejam abaixo dos encontrados em Belém. Talvez, em Manaus, a regra não enfrente o mesmo grau de rejeição que encontra na capital paraense.

Considerações finais

O presente estudo abordou a redução de palavras esdrúxulas a partir da variedade falada nos estados do Pará e do Amazonas. Revela que a redução das estruturas proparoxítonas não é tão produtiva nos estados e municípios analisados. Isso corrobora os resultados obtidos nos trabalhos mencionados na introdução, os quais consistem em pesquisas recentes desenvolvidas a partir dos dados do ALiB, e que, portanto, são passíveis de comparação, pois apresentam metodologia semelhante.

Quanto aos grupos de fatores externos analisados, a análise diatópica aponta o Pará como o estado onde o fenômeno é mais frequente e produtivo. A análise diastrática mostra que a escolaridade é uma barreira à difusão do fenômeno, mas que ela é mais forte em Belém do que em Manaus.

Este trabalho confirma que a variante reduzida das formas esdrúxulas é inibida na região Norte, visto que apresenta baixa incidência se comparada aos resultados da



região Nordeste. Também evidencia a força do fator dialetal sobre o fenômeno e o efeito que fluxos migratórios exercem sobre as variantes em competição.

Referências

- GUY, G. R. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.
- LUCCHESI, D. (et al.). **O português afro-brasileiro**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MONTEIRO, A. **O espaço amazônico**: sociedade e meio ambiente. 1 ed. UFPA/NPI, 1997. 130 p.
- MONTEIRO, B. **História do Pará**. 1 ed. Editora Amazônia, 2005. 230 p.
- OLIVEIRA, M. B. MAGNO, A. P. COIMBRA, D. Apagamento de vogais postônicas não-finais nas capitais do Norte do Brasil. In: BENÇAL, D. R. COSTA, D.S.S. (Orgs.). **Estudos linguísticos em foco**: perspectivas sincrônica e diacrônica. Londrina: Eduel, 2019, p. 414-426.
- OLIVEIRA, M. B. MAGNO, A. P. T. O que fazem acreanos e amapaenses com palavras esdrúxulas? **Revista Moara**, n. 54, p. 238-259, ago-dez 2019.
- OLIVEIRA, M. B. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA**. 2007. 230 f. Tese de doutorado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- OLIVEIRA, M. SÁ, E. Redução das proparoxítonas no Atlas Linguístico Quilombola de Moxotó-Ipanema de Pernambuco. In: SÁ, E. OLIVEIRA, M. SANCHES, R. (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.
- RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará. Abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org). **A geolinguística no Brasil**: Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998. p. 72-89.

Recebido Para Publicação em 29 de março de 2020.

Aprovado Para Publicação em 30 de maio de 2020.